O MAIS RECENTE BESTSELLER DA VENCEDORA DO PRÉMIO
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

A escritora sensual que destronou **E L James** e **Sylvia Day**

J. Kenner

Satisfaz-me

Felizes para sempre
é apenas o início...

TOP SELLER

CAPÍTULO 1

As janelas voltadas para leste deixam entrar a luz do Sol na cozinha e, pelas portas de vidro abertas do lado ocidental da casa, ouço as ondas do Pacífico embaterem ritmicamente na costa de Malibu. Passa apenas um pouco das sete nesta manhã de domingo em fevereiro e, embora tenha acordado tanto com um sorriso como com um plano, o sorriso começa a desvanecer-se e o plano a vacilar. Parece-me que está na altura de enfrentar a verdade terrível, horrível e inevitável — não sou capaz de cozinhar por nada deste mundo. E a intenção de mimar o meu marido com um pequeno-almoço na cama está a ir por água abaixo.

Ou talvez deva antes dizer que está a queimar-se, emendo, ao aperceber-me de que é isso que começa a acontecer aos meus gofres.

Deito mão à pega da forma dos gofres para a virar e depois abro a tampa com os dentes de um garfo.

A coisa lá dentro não se assemelha a qualquer produto alimentar que eu alguma vez tenha visto. É preta, irregular e tem vagas parecenças com a sola de um ténis de caminhada.

— Ora que merda — exclamo, para logo em seguida acrescentar uma torrente ainda mais floreada de imprecações quando me dou conta de que os ovos também estão a estorricar-se e de que o fumo do bacon vai ativar os alarmes de incêndio não tarda.

Lanço-me para o fogão com uma grande passada lateral e carrego no botão para acionar o exaustor, depois fito o teto de olhos semicerrados, como que a desafiar o alarme a desatar a guinchar. Porque nem que o pequeno-almoço tenha de se reduzir a um café simples com uma torrada seca, *vou* conseguir prepará-lo. E nada — nem um alarme de incêndio, nem o cheiro a massa queimada, nem sequer as minhas pragas resmoneadas — vai tirar da cama o homem com quem casei há três semanas antes de eu estar a postos para o surpreender.

Um segundo depois, já sei o quanto estava enganada.

Ainda não me virei, mas não preciso de o fazer. Sei que acordou e sei também que se encontra atrás de mim. Não o ouvi aproximar-se. Não dei pelo seu odor. Não há o que quer que seja de tangível que me tenha anunciado a sua presença. Mas isso não importa.

Sei, simplesmente.

Talvez seja uma alteração na densidade do ar.

Talvez seja a forma como o calor do corpo dele faz com que as moléculas à sua volta girem mais depressa.

Talvez seja o mero facto de se tratar de Damien Stark, meu marido, meu amor, e eu não poder ignorar mais a sua presença do que o meu próprio corpo.

Por um instante, limito-me a ficar assim, ainda de costas para ele. Queria surpreendê-lo, pelo que admito que sinto uma ligeira pontada de desilusão. Mas isso depressa é dominado pela vontade de o ver. De o apreciar. De deixar que a imagem dele, que já me ocupa a mente, me ocupe também a realidade.

Volto-me devagar e encontro-o encostado à parede que separa a cozinha do terceiro andar do resto da área ampla. Está a usar um par de calças de ginástica cinzentas com um nó lasso à altura das ancas e nada mais. O seu corpo atlético resplandece com um bronzeado que o acompanha desde a ilha que foi a última paragem da nossa lua de mel e a luz que lhe incide sobre a pele tisnada salienta-lhe a superfície esculpida do peito e do abdómen.

O triunfo empresarial do Damien seguiu-se à sua fama como tenista profissional e, olhando para ele, é fácil perceber que teve sucesso em ambos os campos.

É uma combinação de poder, força e beleza, e eu fico pasmada, como uma idiota, a assimilar a visão dele, após o que suspiro com o mesmo tipo de prazer pleno e sensual provocado por um crepúsculo, ou por uma sinfonia ou pelas estrelas a encherem o céu sobre um campo. Damien Stark é um festim para os olhos, um concerto para os sentidos. E apesar de o conhecer intimamente — embora ele seja meu, e eu sua —, ainda me fraquejam os joelhos quando o vejo.

— Que cena excecional para ver ao acordar.

O seu olhar percorre-me a indumentária pouco adequada para cozinhar. Estou descalça, a usar uma camisa dele e um avental branco com um logótipo nada original a dizer *Dá um Beijo à Cozinheira*.

— Curioso. Estava justamente a pensar o mesmo.

Isso é um exagero, porque a verdade é que está a custar-me bastante pensar de todo. Ou, para ser mais precisa, todos os meus pensamentos são de uma natureza primitiva. *Precisar. Querer. Possuir.*

Ele encurta a distância entre nós com três passadas largas e depois passa os braços à volta da minha cintura. O seu sorriso aquece-me como a luz do Sol mas, quando ele me puxa para si e une a boca à minha, sinto-me aquecida por uma espécie de calor muito mais perigoso.

— Bom dia, mulher.

Fico com formigueiro nos lábios, tal a intensidade da saudação, mas respondo-lhe na mesma moeda, adorando o som das palavras que lhe digo:

— Bom dia, marido.

Ele desliza a ponta de um dedo pelo meu maxilar.

— Tens massa na cara — comenta, antes de levar o dedo à boca. — Saborosa.

Reviro os olhos enquanto ele se debruça para me beijar a orelha.

— E farinha no cabelo.

— Teria acabado por conseguir — protesto. — Tu é que te levantaste e estragaste a surpresa.

Ele lança um olhar de relance para o gofre atrás de mim, que mais parece um tijolo.

— Acredita, estou surpreendido.

— Senhor, tenha cuidado — admoesto, mas estou a rir-me. Ambos sabemos que as minhas capacidades culinárias são inexistentes.

— O que conta é a intenção — diz o Damien. — E esta intenção agrada-me muito, mesmo muito.

Puxa-me para me dar outro beijo longo e demorado. Isso faz-me pensar que levantar-me cedo numa manhã de domingo não foi das minhas ideias mais brilhantes.

— Sei como resolver isto — anuncia o Damien.

— Envolve ficarmos nus na cama, contigo a garantir-me que não casaste comigo pelos meus dotes culinários?

— Nem por isso, ainda que me pareça que essa sugestão deva definitivamente ser acrescentada às atividades do dia.

— Oh, a sério? — Aproximo-me mais dele, deliciando-me com a forma como os seus braços se retesam à minha volta, puxando-me para si e deixando-me senti-lo quente, duro e perto. — E que mais consta dos planos?

O Damien desliza uma mão pela camisa que tenho vestida até chegar à minha coxa nua, e depois sobe lentamente os dedos por dentro do algodão leve.

— É o nosso último dia antes de voltarmos ao mundo real. — A sua voz é tão suave quanto a sua carícia e eu gemo baixinho à medida que a mão se move entre as minhas coxas e os dedos me afagam e provocam. — Quero passá-lo a fazer amor com a minha mulher. A tocar-lhe. A acariciá-la. A enterrar-me bem fundo dentro dela.

Tenho os joelhos trémulos; ainda bem que ele está a agarrar-me.

— Aprovo o teu plano para o dia. Aprovo-o tanto, na verdade, que acho que o melhor é começarmos já.

A ponta da sua língua percorre-me a curva da orelha, o que me provoca calafrios.

— Mas primeiro vamos sair e tomar o pequeno-almoço.

O meu cérebro entorpecido demora um pouco a compreender as palavras.

— Sair?

— Eu disse-te. Sei como resolver isto. — Dá-me um beijo ao de leve e depois solta-me. Suspiro, desapontada por perder o contacto ao mesmo tempo que ele acena com a cabeça na direção da porcaria nada apetitosa que eu preparei. — Bolos, café e sumo de laranja acabado de espremer. Afinal, vamos precisar de energia para sobreviver ao resto do dia que planeei.

— Isso também me agrada — reconheço.

Voltámos da lua de mel há uns dias, mas nenhum de nós já regressou oficialmente ao trabalho. Eu tenho programado a partir de casa, mas coisa pouca. Apenas pequenos ajustes nas minhas aplicações para *smartphones*. E o Damien, claro está, tem atendido dezenas de chamadas e lido sabe Deus quantos e-mails. Mas, comparado com tudo o que costuma fazer para gerir o universo, as suas atividades profissionais ao longo das últimas semanas têm sido praticamente inexistentes.

Ele dá-me a mão para me levar da cozinha para o quarto, e é então que se detém em frente à pilha de comida para gato que tirei da despensa e deixei em cima da bancada.

— Por favor, diz-me que não era este o ingrediente secreto.

Sei que pretendia fazer-me rir, mas não consigo. Em vez disso, encolho um ombro.

— Vou embrulhar isto para levar à Jamie.

Ele deposita-me um beijo suave no alto da cabeça, compreendendo obviamente o meu estado de espírito.

— Eu sei, querida, também sinto a falta da bola de pelos.

Tecnicamente, a *Lady Miau-Miau* é tanto minha como da Jamie. Mas, para sermos mais precisos, pertence mesmo é à Jamie, que foi quem a resgatou do abrigo quando era uma bolinha de pelo branco com apenas um mês. Eu fiquei a cuidar temporariamente dela quando a Jamie arrendou o apartamento e foi para o Texas para pôr as suas tretas em ordem.

Isso, porém, não funcionou como ela esperava. O Texas revelou ser apenas uma paragem no percurso, ao invés de uma transferência mais ou menos permanente, e, pouco depois de ter voltado a viver com os pais, já estava de volta a Los Angeles. Veio para o meu casamento. Deixou-se ficar por causa do Ryan Hunter, o chefe da equipa de segurança do Damien, que, tanto quanto me é dado a ver, está caidinho por ela. E o sentimento, felizmente, é mútuo.

Agora vivem os dois e a gata na casa minúscula em Venice Beach que o Ryan arrenda há anos. Segundo a Jamie, trata-se de uma solução provisória, até o inquilino

da sua casa se mudar, daqui a uns meses. Depois, ela regressa ao apartamento.

Não me disse muito acerca disso, mas julgo que o Ryan irá com ela. Tomámos um copo com eles no dia a seguir a voltarmos à Califórnia; vi a forma como ele olha para ela. Mais importante do que isso, tenho ouvido a forma como ela fala dele. E não podia sentir-me mais feliz pelos dois.

O que não significa que não fique triste por ter perdido a gata.

Inclino a cabeça para trás e sorrio ao Damien.

— Estou bem. Está tudo bem. Vi só aquela comida toda na despensa e fiquei triste. Mas assim tenho uma desculpa para almoçar com a Jamie — acrescento com uma entoação danada na voz. — Ainda não estive sozinha com ela desde que voltámos e tenho de lhe contar como foi espetacular a nossa lua de mel.

O Damien ri-se.

— Duas melhores amigas a discutir uma lua de mel. Porque é que será que tenho a impressão de ir ser sujeito a uma avaliação?

O meu sorriso é puro atrevimento.

— Não se preocupe, Sr. Stark. Como sempre, teve nota máxima.

Ele beija-me de novo, longa e demoradamente, e puxa-me mais para si. Suspiro de felicidade e encosto-me

a ele, tentando, como de costume, assimilar o facto de agora ser isto a minha vida. *Ele* agora é a minha vida.

— Amo-te — digo em voz baixa, e sinto os seus braços apertarem-me mais em resposta às minhas palavras.

— És tudo para mim, Nikki. E amo-te com todas as minhas forças.

Ele dá-me a mão e leva-me de novo para o quarto. Passa-me o avental por cima da cabeça e depois começa lentamente a desabotoar-me a camisa. Afasta-ma dos ombros e a peça cai com suavidade no chão atrás de nós. Era tudo o que tinha vestido, pelo que o tecido me acaricia as costas ao cair, provocando-me arrepios tanto pela sensualidade do momento como pela expetativa do toque do Damien.

Ele não me desilude. Inclina a cabeça como se fosse beijar-me, mas depois limita-se a roçar os lábios pelos meus, num toque levíssimo. Quero protestar, só que as palavras morrem-me na garganta à medida que ele desce pelo meu corpo com mais beijos. Pela curva do meu pescoço. Ao longo da pele sensível das minhas clavículas.

Detém-se no peito durante o tempo suficiente para me estimular o mamilo com a língua. É como se tivesse aberto uma conduta e sinto fios de eletricidade a acenderem-se em mim, a retesarem-me os mamilos

com carência e a deixarem-me o clítoris a latejar, exigente. Fecho os olhos e entreabro os lábios, concentrando-me em respirar. Em não perder o controlo e implorar-lhe que se limite a possuir-me já.

Mas depois os seus beijos descem mais e a sua língua dança-me no abdómen, sobre a púbis e depois — oh, santo Deus — agita-se sobre o meu clítoris e força-me a lançar uma mão atrás para agarrar os pés de ferro da cama, para conseguir manter-me de pé.

Abro as pernas, querendo e esperando mais, mas ele afasta-se, com os dedos a subirem sensualmente pelo meu corpo à medida que se endireita. Estou a arquejar. Quente e carente. Porém, quando estendo a mão e passo com os dedos pela ereção que se debate contra aquelas calças de ginástica tão sensuais, o Damien limita-se a dar um passo atrás e a abanar a cabeça.

— Mais logo — diz ele, palavras que soam tanto a tortura como a promessa.

— Credo, Damien. Como esperas que eu faça outra coisa hoje para além de te querer?

— Querida, hoje não precisas de fazer mais nada.

Demoro um momento a recompor-me enquanto ele se dirige à casa de banho. Encontro-o no quarto de vestir, onde me passa um par de bermudas e a minha camisola de malha preferida.

— Devia tomar um duche — protesto enquanto o vejo deslizar para umas calças de ganga e uma t-shirt muito coçada de um torneio de Wimbledon.

— É uma manhã informal de domingo — diz ele. — E tu estás incrível, como sempre. Para além disso — acrescenta, com um brilho malandro no olhar —, se depois quiseres um duche, terei todo o gosto em ajudar-te. Em assegurar-me de que ficas mesmo limpinha.

— Aposto que sim.

E, apesar de estar a rir-me, já sei que é uma proposta que não irei, seguramente, recusar.

Ambos temos fome, pelo que vamos até ao Upper Crust, uma encantadora pastelaria na praia, a cerca de quilómetro e meio. É um dos meus sítios preferidos em Malibu e, enquanto o Damien faz o pedido, eu arranjo mesa para nós no terraço de madeira com vista para o oceano.

A casa do Damien — a *nossa* casa — tem uma vista igualmente espantosa, mas fica muito mais afastada da praia. Uma coisa que adoro nesta pastelaria é que foi construída praticamente em cima das dunas, pelo que basta descer as escadas ao fundo do terraço para se estar no areal.

Menciono isso quando ele volta com grandes canecas de café e dois *croissants* folhados de chocolate.

— Então vamos construir um bangaló mesmo no limite da propriedade. Falo com o Nathan para ele nos apresentar uns esboços — acrescenta, referindo-se ao Nathan Dean, o arquiteto que desenhou a casa principal.

Fito-o, boquiaberta.

— Estava só a fazer conversa.

Ele fica com um ar quase confuso.

— Então não gostarias? Eu sim. — Estica-se para me limpar um pedacinho de chocolate que me sujou o canto da boca e depois lambe a ponta do dedo. — Já perdi a conta à quantidade de vezes que tive vontade de te despir naquela praia e me vi obrigado a esperar até termos subido a colina toda. Mas se houvesse um bangaló convenientemente localizado...

Abano a cabeça, fingindo-me exasperada.

— É óbvio que vou precisar de ter cuidado com o que digo ao pé de si, Sr. Stark. Quero dizer, e se eu dissesse que queria uma casa de férias na Lua?

— Tenho a certeza de que isso poderia ser arranjado. — Entrelaça os dedos nos meus e depois beija-me os nós dos dedos. — Acho que esta é a minha parte preferida de estar casado.

— *Croissants?*

— Estragar a minha mulher com mimos.

Limito-me a sorrir. Por ridícula que possa ser a ideia de o Damien mandar construir um bangaló por causa

de um comentário inconsequente, não posso negar que me deixa toda enternecida e derretida. Por outro lado, basta-me estar com este homem para me sentir assim.

— Queres outro? — pergunto-lhe, com um aceno para o seu prato manchado de chocolate.

— Estás a oferecer-te para me servir?

— Tudo o que queiras — respondo. — Tudo o que precises.

Ele aperta-me a mão.

— Tenho tudo aquilo de que preciso.

O meu sorriso é tão rasgado que quase me dói. À nossa volta, vejo outros clientes a observar-nos e a sorrir também, como se a nossa paixão fosse infeciosa. Reconheço alguns: são nossos vizinhos que decerto saberão que estamos casados de fresco. Pensando melhor, tendo em conta a forma como os tabloides e as redes sociais papagueiam todos os nossos movimentos, imagino que o mundo inteiro saiba que somos recém-casados.

Passo o dedo pelo chocolate que resta no prato dele e depois levo-o aos seus lábios. Ele arqueia ligeiramente as sobrancelhas e depois puxa-me o dedo para dentro da boca, sugando-o um pouco e provocando-me tamanho êxtase que é de admirar que eu não gema de prazer.

Quando retiro o dedo com delicadeza, o que não contenho é um sorriso vitorioso. Tenho praticamente

a certeza de que pelo menos uma pessoa neste terraço terá um *smartphone* e uma conta de Twitter, e de que a foto não tardará a estar escarrapachada nas redes sociais. Por norma, isso incomodar-me-ia.

Neste momento, não só não me faz mossa como até o quero.

Quero que o mundo nos veja apaixonados. Que veja a forma como olhamos um para o outro. Como nos completamos.

Estou mais feliz do que nunca e, se não posso gritá-lo do cimo de um prédio, então o mundo que grite por mim nas redes sociais.

— Estás a sorrir — diz o Damien.

— Porque é que não haveria de estar?

— Bem visto. — Põe-se de pé. — Pronta?

Aceno com a cabeça e começo a encaminhar-me para a porta da pastelaria. Ele puxa-me e acena para as escadas.

— Mais logo, quando for correr, venho buscar o carro. Agora vamos para casa a pé.

Adoro a Califórnia do Sul. Embora para todos os efeitos seja inverno, a temperatura já vai nos 18 graus e o boletim meteorológico promete máximas de vinte e tantos. Descalço-me e o Damien faz o mesmo para caminharmos pela rebentação, onde a água está gelada seja qual for a estação.

Damos as mãos e falamos de tudo e de nada à medida que vamos andando para casa.

— Custa a acreditar que já vamos entrar na segunda semana de fevereiro — digo, a pensar que acabámos de voltar da lua de mel e que o dia de São Valentim está aí à porta. Sinto-me um pouco como uma criança cujo aniversário é na semana antes do Natal. — Nem sequer pensei na altura em que ia calhar o dia do nosso casamento.

— Referes-te ao tempo? Costuma estar um pouco mais frio nesta altura do ano, mas é sempre muito agradável.

Olho de relance para ele, perguntando-me se estará mesmo à nora. A expressão dele, contudo, é completamente inescrutável.

— Estava só a pensar que... — interrompo-me, frustrada.

O sobrolho dele franze-se.

— O quê?

Comunicação, penso. *Num casamento a comunicação é essencial.*

— Estava só a pensar que o nosso primeiro Dia de São Valentim está quase a chegar.

— Não está nada.

— Hã, falta menos de uma semana. Ou seja, está mesmo aí à porta.

Não dou por ele ter parado antes de dar mais uns quantos passos. Viro-me. O Damien até parece um pouco preocupado, o que confesso que me surpreende. Será o nosso primeiro Dia de São Valentim juntos e, sabendo como ele é romântico, julgava que ia fazer algo em grande. Digo a mim mesma que é uma estupidez ficar ressentida, sobretudo porque ainda falta uma semana e o Damien é capaz de organizar uma coisa espetacular com uma antecedência de cinco minutos.

Ainda assim, não consigo deixar de me sentir desiludida. O que é completa e absolutamente injusto, mas é assim que são as coisas.

Inspiro fundo e pespego na cara um dos meus melhores sorrisos de concurso de beleza.

— Sabes, até tens razão — digo-lhe. — No que nos diz respeito, uma semana é praticamente uma vida.

— Nikki... Anda cá. — Ele está a falar num tom baixo e arrependido e eu mantenho-me inexpressiva porque já tenho a certeza de que se esqueceu. Pura e simplesmente... esqueceu-se.

As pessoas esquecem-se de coisas, não é? Até mesmo os recém-casados.

Até o Damien Stark.

Avanço para os seus braços, em parte porque mo pediu, mas também porque quero estar suficientemente perto para que, inclinando a cabeça para baixo,

ele não veja as lágrimas estúpidas, tolas e idiotas que começam a acumular-se nos meus olhos.

Ele desliza as mãos pelos meus braços, mexendo-os até eu lhe apalpar o traseiro — e o estojo pequeno e quadrado que tem no bolso das calças.

— Tira-o — ordena numa voz firme, mas parece-me detetar um leve tom de diversão.

Pestanejo e depois obedeço. É um estojo pequeno de cartão branco, do género que as lojas de centros comerciais usam para acondicionar joias. Confusa, fito-o e já não tenho dúvidas de que está divertido. É óbvio que está.

— Abre-o.

Começo a sentir-me muito tola, mas faço o que ele me pede e, com cuidado, levanto a tampa e deparo-me com um fio do qual pende uma minúscula garrafa de vidro. Dentro da garrafa há um papel enrolado.

Olho para ele, confusa.

— É encantador.

— Tira o rolo de papel.

— A sério?

Sem esperar pela resposta, sirvo-me das unhas para sacar a rolha ínfima. O papel custa a sair, mas o Damien tira um pequeno canivete suíço do bolso da frente das calças e passa-mo com a pinça a postos. Apercebo-me de que se muniu do canivete a contar com este momento.

Mesmo com a pinça, é preciso alguma destreza para pescar o papel. Lá consigo e, quando o desenrolo, semicerro os olhos para decifrar a caligrafia minúscula.

Para a minha mulher, no Dia de São Valentim,
Uma proposta, se aceitas que seja assim...
Três pistas para te oferecer
Saberás o que fazer...
E se quiseres reclamar o teu presente
Vais ter de entrar no meu jogo, simplesmente.
Descobre onde te leva a pista, por favor:
Diz-me, querida Nikki, o que é mais doce que o amor?

— Damien — digo o seu nome num tom baixo, abafado pelas lágrimas felizes e espantadas que me embargaram a garganta.

— Não tenho pretensões a ser poeta — diz-me Damien, embora eu considere o poema encantador, e ainda mais maravilhoso por ter sido escrito por ele. Engancha o dedo debaixo do meu queixo e inclina-me a cabeça de tal maneira que já não posso esconder os olhos marejados. — Três pistas. Seis dias. Acho que vais conseguir.

Tenho o coração tão cheio de amor que parece ocupar-me todo o peito, impedindo-me de respirar.

— Não te esqueceste.

A delicadeza que vejo nos seus olhos quase me trespassa.

— Oh, querida. Mais depressa me esqueceria do meu próprio nome do que do nosso primeiro Dia de São Valentim.

— Amo-te. — A palavra parece fraca, comparada com a emoção que me percorre.

— E eu a ti. Mas, Nikki... — acrescenta ele, e agora a sua voz ganha um tom mais severo, traído apenas pelo ligeiro tremor na comissura dos lábios. — Duvidaste de mim. Acho que isso merece um castigo.

Inclino a cabeça para um lado e solto um guinchinho quando ele me dá uma palmada no rabo. Rio-me e desato a correr na direção da casa.

Mas não vou demasiado depressa. Afinal, tenho esperança de que ele me apanhe.

CAPÍTULO 2

Dado que o Damien se encontra numa forma física excecional — e uma vez que eu não estou propriamente a esforçar-me assim tanto para escapar —, ele não tem grande dificuldade em apanhar-me. Puxa-me para me parar e depois ergue-me nos seus braços. Esperneio e debato-me um pouco, só para manter as aparências, mas é inegável que sou uma cativa muito solícita.

Continuo com os braços à volta do seu pescoço enquanto ele me leva pelo caminho acima e depois me surpreende virando para o campo de ténis recentemente construído.

Há uma espreguiçadeira de pelo junto às linhas laterais; recentemente, apercebi-me de que ele a pôs aqui para eu ter um lugar onde possa sentar-me a vê-lo treinar. Mas não é só para isso que serve, sobretudo porque é da largura de uma cama de corpo e

meio e oferece pelo menos o mesmo conforto que uma cama.

— Damien — protesto enquanto ele me tira a camisola pela cabeça. — Estamos em plena luz do dia.

Não acrescento que o ar ainda está fresco. A temperatura pode rondar os 18 graus, mas, neste momento, tenho a pele tão quente que poderia estar nua na Antártida e nem dar por isso.

— Pois estamos.

Nem sequer abranda, contudo. Em vez disso, estende a mãos para o botão das minhas bermudas. Desabotoa-as e depois abre o fecho-éclair. Puxa-me as bermudas pelas ancas abaixo e desce até me chegar aos pés, ainda descalços da caminhada pela praia.

Passa um dedo pelo arco do meu pé, o que me faz contorcer. Depois despe-me as bermudas por completo, deixando-me apenas de sutiã e de cuecas muito reduzidas.

O seu olhar percorre-me, tão quente que me afeta como se me explorasse com as mãos. Sinto o corpo a suavizar-se e a ficar húmido e, quando ele se concentra no meu baixo-ventre, gemo baixinho, antecipando o seu toque.

Lentamente, tira-me a roupa interior até eu ficar nua sobre a espreguiçadeira e a arder sob o seu olhar sedutor.

— Linda — murmura ele, ao que sinto a torrente quente de um rubor a instalar-se na minha pele.

Devagar, passa os dedos pelo meu corpo. Sobe-me pela canela, pela coxa, pela pele suave da parte interna da coxa. Avança com um à-vontade casual pelas cicatrizes que em tempos me envergonhavam, mas nas quais, desde que estou com ele, raramente penso. E depois as suas mãos seguem viagem pelo meu corpo acima, pela barriga, pela caixa torácica. Abranda nos meus seios, usando a ponta de um dedo para acariciar e estimular ligeiramente antes de me beliscar o mamilo, provocando-me um choque de prazer que é tão docemente profundo que me faz arquear, ainda que não saiba se é por a sensação ser demasiado intensa para que a suporte ou porque tento fazê-la durar ainda mais.

— Levanta-te — diz-me por fim. — Quero ver-te.

Assim faço, ficando nua no campo, aos pés da espreguiçadeira, com o corpo dócil e a postos. Tenho os seios tensos, os mamilos como indicadores de carência. E o meu clítoris está tão sensível que até a brisa mais ligeira me deixa um pouco louca. Estou molhada — tão molhada — e tenho o sexo a latejar de exigência, com a excitação a aumentar a cada batida do coração.

— Isto não é justo — queixo-me, sem saber lá muito bem como consegui formar palavras. — Eu estou nua e tu não.

— Detestaria que me julgasse pouco equitativo, Sra. Stark.

Fascinada, observo-o a despir as roupas. Vestido, ele é excecional. Nu e ereto, é como um deus, selvagem, viril e poderoso.

Deita-se na espreguiçadeira e depois chama-me com um dedo. Não hesito e coloco-me em cima dele, com um joelho de cada lado e a sua ereção a tocar-me, a fazer-me tremer. A deixar-me ainda mais molhada.

Como tenho praticamente a certeza de que morrerei se não o tiver dentro de mim neste instante, agarro-lhe no pénis com uma mão — com a intenção de o afagar e de o posicionar contra o meu sexo — mas sou frustrada pela forma ríspida como ele abana a cabeça e diz uma única palavra:

— Não.

— Eu... o quê?

Ele gira o dedo.

— Vira-te e anda cá. Quero provar-te.

Hesito, sem saber por que me sinto encavacada de repente. Não se dá o caso de o Damien nunca me ter feito sexo oral. Na minha opinião, tem uma língua mágica.

Mas montar-lhe a boca, e virada de costas...

A ideia é tão excitante quanto desconcertante.

— Nikki.

Ele profere o meu nome na voz que não permite discórdia, e eu obedeço, tanto porque é uma ordem sua como porque quero isto, esta nova intimidade. Com o Damien, não há lugar onde ele possa levar-me e eu me recuse a ir, Deus me ajude, pois quero ir a todo o lado com ele.

As mãos dele amparam-me o traseiro e eu compreendo os benefícios desta posição assim que a sua língua me toca, suave e provocante. Como ele está a segurar-me, tenho mais controlo. Posso virar-me e mexer-me, fazer o prazer aumentar depressa ou devagar.

Mais do que isso, posso vê-lo. As suas coxas longas e musculadas. Aquele peito lindo apenas com algum pelo. Aqueles abdominais rijos como pedras que os meus dedos conhecem tão bem.

E o belíssimo pénis, tão ereto que me parece que deve ser doloroso. E que tipo de esposa seria eu se não desse algum alívio ao meu marido?

Sentindo-me tanto excitada como atrevida, dobro-me para a frente pela cintura, o que tem a vantagem adicional de me mover ligeiramente as ancas ao mesmo tempo que a língua do Damien investe dentro de mim. Abafo um gemido quando o meu corpo se retesa à volta dele. *Meu Deus, sim, quero a pila dele*. Se não pode ser dentro de mim, então na minha boca. Quero senti-lo

ficar mais teso. Quero provar-lhe a excitação. Quero fazê-lo sentir-se tão perdido e enlouquecido quanto ele me deixa a mim.

E, muito devagar, lambo a glande e sorrio satisfeita ao vê-lo ficar ainda mais duro e quando ele geme junto ao meu sexo antes de me estimular ainda mais, com a língua a fazer a sua magia no meu clítoris.

Acolho-o na boca, quase me venho só de o provar, todo calor e masculinidade, excitação e volúpia.

Acima de nós, o Sol brilha. Sinto o calor nas minhas costas e saber que estamos ao ar livre, numa intimidade tão deliciosa, deixa-me ainda mais excitada. Um tremor percorre-me o corpo e percebo que estou quase. Que a tempestade se acumula e que em breve o Damien me fará perder a cabeça, e quero mais que tudo que ele se perca comigo. Uso a língua, lambendo e acariciando, e sinto-o a ficar mais rijo, mais tenso. Mais perto.

Então está quase... quase, caramba, estou mesmo a chegar lá...

E nesse momento o seu toque desaparece e eu fico à beira do precipício, excitada e pronta sem quem me faça saltar.

O Damien conseguiu desenvencilhar-se e sair debaixo de mim e encontra-se agora deitado a meu lado. E embora pareça tão excitado quanto eu me sinto, o divertimento que lhe perpassa o olhar é inegável.

— Mas que raio? — exijo saber, o que me vale uma gargalhada do meu marido.

— Tenho praticamente a certeza de que te disse que isto seria um castigo. Por teres duvidado de mim, estás recordada?

Abro a boca, completamente preparada para lhe chamar um nome feio, mas ele depois manda-me debruçar-me sobre o seu joelho.

Não me mexo. E, em seguida, porque me sinto ousada, replico num tom rouco:

— Tens noção de que isto não é castigo nenhum?

— Eu sei — diz ele, e a promessa sombria contida no seu tom faz-me estremecer.

Passa para a borda da espreguiçadeira, onde se senta, e eu inclino-me avidamente sobre o seu colo, ainda mais excitada do que momentos antes. Não se trata da expetativa da dor, embora seja inegável que vou sempre querer a dor. Mas já não preciso disso com a frequência de antigamente. Agora só a quero vinda das mãos do Damien.

Mas aqui não se trata de combater os meus demónios. O que está em causa é deixar-me levar. Entregar-me ao Damien. Deixar que ele me possua e me satisfaça.

E, sim, tem que ver com prazer. Com paixão.

E, como eu e o Damien sabemos melhor do que a maioria das pessoas, o prazer e a dor partilham o mesmo cerne. E eu rendo-me de bom grado a ambos.

O primeiro açoite faz-me arquejar, com o ardor a espalhar-se e a acalmar quando o Damien me afaga a curva do traseiro para suavizar o golpe. Ele torna a açoitar-me, só com um pouco mais de força, e eu sinto o sexo a contrair-se de anseio. Ele desliza a mão pelo meio das minhas pernas para me acariciar e eu sei que fica ciente de como está a deixar-me excitada. De quanto eu quero isto — e de quanto vou querê-lo depois, quando tiver o traseiro vermelho e ele se der por satisfeito.

Outra vez, e mais outra. Cinco açoites mais e estou em polvorosa, com o ardor da carne a embater em carne, mas também com a necessidade erótica de ser fodida, de ser possuída.

— Damien — limito-me a suspirar o seu nome, mas isso basta e ele ajuda-me a levantar, instala-me no seu colo, com um joelho para cada lado, montando-o enquanto ele se mantém sentado à borda da espreguiçadeira, com as mãos nas costas a impedirem-me de cair.

— Quero ver a sensação a crescer nos teus olhos — diz-me. — Quero ver o momento em que realmente nos perdemos.

— Sim.

Ergo-me sobre os joelhos e depois desço para ele, primeiro devagar e depois cada vez mais depressa até

o precipício voltar a surgir à minha frente e eu ver a explosão a preparar-se nos seus olhos, a minha própria paixão refletida.

— *Agora* — exige-me quando estamos ambos à beira. — Agora, Nikki, raios partam, vem-te comigo.

Arqueio-me para trás, escrava das suas exigências, e desfaço-me num milhão de pedacinhos ao mesmo tempo que ele explode dentro de mim. Ele segura-me com força, impedindo-me de me perder no éter e proporcionando-me uma corda para regressar a mim mesma.

Deixo-me cair sobre ele, a ofegar, ansiando pelo conforto dos seus braços, fortes e seguros, que se cerram à minha volta.

— Damien. — É tudo quanto posso dizer, mas chega.

— Sim — diz ele, numa voz tão terna que me provoca lágrimas. — Eu sei.

Depois, leva-me ao colo até à casa, pois não estou minimamente convencida de que alguma vez volte a ter a capacidade de caminhar por mim mesma.

Lá consigo manter-me de pé para tomar um duche; depois de me secar, aninho-me na cama, nua, enquanto o Damien fica na casa de banho a barbear-se.

Adormeço, saciada, mas desperto com a sua voz a flutuar sobre mim.

— Ora, que vista tão encantadora.

Espreguiço-me e viro-me; quando abro os olhos, deparo-me com o seu corpo nu junto à porta — e, mais uma vez, completamente ereto.

Com uma risada, apoio-me num cotovelo.

— Sr. Stark, o senhor é insaciável.

— És tu que me fazes insaciável — contrapõe ele, sentando-se a meu lado na cama. — Podia passar o dia inteiro aqui contigo. Talvez a semana, o mês, o ano.

— Isso agrada-me. Se bem que teríamos de arranjar uma forma de comermos.

— Oh, eu cá pretendo comer e muito — diz ele, mordiscando-me pela barriga abaixo.

Contorço-me, deliciada com o seu toque, mas depois reteso-me. Inclino a cabeça quando algo me espicaça a memória. Qualquer coisa acerca de comer... acerca de doçura...

Acerca de amor.

Entrelaço os dedos no seu cabelo.

— Espera...

Ele levanta a cabeça, com uma sobrancelha arqueada.

Lanço um olhar de relance ao relógio, vejo que ainda é bastante cedo e sorrio ao meu marido.

— Desculpa, querido, vou ter de te interromper.

— Ai, sim? — A sua expressão revela uma diversão vaga. — Então porquê?

— Desvendei a primeira pista — digo num tom presunçoso. Não tenho dúvidas de que estou certa.

— A sério? — Ele sobe pelo meu corpo até me ter presa debaixo do seu. — Conta-me.

Abano a cabeça.

— Não. — Ele beija-me o pescoço. — Nem pensar, amigo. Pelo menos, até me pagares uma refeição.

— Uma refeição?

— Almoço — confirmo. — Em Beverly Hills. E, depois da refeição — acrescento com um sorriso rasgado e convencido —, quero a minha sobremesa.

Acabamos a tomar um almoço tardio numa das mesas de esplanada do 208 Rodeo e partilhamos uma dose de batatas-doces fritas e um hambúrguer enquanto nos entretemos a ver as pessoas, observando tanto turistas como gente local que se passeia por Rodeo Drive ou sobe as escadas até à Via Rodeo. Sem surpresas, há uma boa dose de observação recíproca, e dou por mais do que umas quantas pessoas a tirarem-nos retratos sub-reptícios com os telemóveis. Alguns até se colocam descaradamente do outro lado da rua com câmaras de *zoom* potente viradas na nossa direção, clicando furiosamente enquanto tiram foto atrás de foto.

Mais uma vez, não me importa.

Está um dia lindo. Estou com o meu marido, numa caça ao tesouro do Dia de São Valentim. E ainda estou a sentir os efeitos de uma maravilhosa sessão de sexo matinal.

A sério, a vida é boa.

Uma empregada de mesa espevitada que parece preparada para ser a estrela da sua própria série cómica de televisão aproxima-se da nossa mesa.

— Vão desejar sobremesa?

Fixo o Damien nos olhos.

— Obrigada — respondo. — Mas já temos outros planos para isso.

Pedimos a conta e depois percorremos os dois quarteirões curtos até à Love Bites, a pastelaria excecional da Sally Love, que tem aparecido em todos os programas de culinária que existem e agraciado as páginas de revistas de casamentos e de culinária. Conhece o Damien há anos e eu adorei-a — e aos seus bolos — desde que a conheci. E bastou-me provar o seu *cupcake* de chocolate negro e licor de café para saber que mais ninguém poderia encarregar-se do *catering* do nosso casamento.

Estou convencida de que *o que é mais doce do que o amor* aponta como uma seta para a Sally Love e a Love Bites.[1] O Dia de São Valentim e o amor andam de mãos

[1] Love/Amor: O apelido da personagem e parte do nome da sua pastelaria. [*N. da T.*]

dadas — e o amor leva ao casamento. Por isso, como poderia a pastelaria que serviu o nosso casamento não ser o sítio aonde leva a pista?

Porém, ainda que eu possa estar certa, o Damien, maldito seja, recusou-se terminantemente a confirmar ou negar.

Não tarda, contudo, e saberei se tenho razão.

Telefonei à Sally segundos depois do meu momento «eureca!» e, embora a pastelaria, para todos os efeitos, feche aos domingos, ela disse-me que estava no estabelecimento a preparar um lanche que servirá amanhã e convidou-me a passar por lá.

— Olhem só para vocês — comenta assim que abre as portas de vidro da sua loja de cheiro açucarado. — São a felicidade conjugal personificada.

Limito-me a sorrir e a retribuir-lhe o abraço.

— Então, o que vos traz por cá?

— Parece que a minha mulher teve um desejo louco pelos seus *cupcakes*.

— Ai, sim? — espanta-se a Sally, arqueando as sobrancelhas. — Sinto-me lisonjeada, mas o que despertou esse desejo?

Olho ora para um, ora para o outro, de súbito a duvidar de mim mesma.

— Hã, é só que nada é mais doce do que o amor, certo? Por isso, devia referir-se aos seus *cupcakes*.

Ela aponta-me um dedo.

— Ora aí está um excelente *slogan* para uma campanha publicitária. Importa-se que o tome emprestado?

Olho de relance para o Damien.

— Vai ter de lho pedir a ele.

— É todo seu — diz ele.

— Este foi o negócio mais simples que fiz hoje — diz ela com um sorriso de orelha a orelha. — Mas agora a sério, o que precisa da minha parte, Nikki?

Entrego-lhe o pedacinho de papel e vejo-a semicerrar os olhos para ler as palavras. Quando olha para mim, vejo tanto interesse como confusão no seu rosto.

— De onde é que isto veio?

— Dele — digo eu, a apontar para o Damien.

— Oh, a sério?

A sua voz indicia riso, como se a mera ideia de o Damien Stark escrever poesia tola e organizar uma caça ao tesouro fosse algo completamente impossível. O ar dela é tão perplexo, na verdade, que estou prestes a dizer-lhe que devo ter-me enganado.

É então que vejo um ligeiríssimo sorriso a aflorar-lhe aos lábios.

— Oh, vocês estão *mesmo* a gozar comigo! — acuso. — Os dois.

Ela ergue as mãos, à laia de rendição.

— Querida, juro que hoje não tenho nada aqui na loja que possa querer. Mas, se quiser fazer uma encomenda especial para ser entregue no seu escritório amanhã... bem, tenho a certeza de que serei capaz de arranjar um mimo que a deixará intrigada.

Mantenho uma expressão profissional, mas, por dentro, estou aos pulos de alegria. *Sei* que decifrei a pista. Só o fiz mais cedo do que tanto ela como o Damien esperavam.

— Parece-me uma ótima ideia. Preciso sempre de um incentivo doce a meio da tarde. E se ficasse à escolha da *chef*? — acrescento, com um sorriso inocente.

Ela corresponde-me ao olhar e depois acena com a cabeça.

— Acho que isso vai funcionar lindamente.

Eu e o Damien demoramo-nos mais uns minutos à conversa com a Sally e, quando saímos, levo um *cupcake* de chocolate na mão — ela disse que tinha sobrado de uma encomenda que estava a preparar na cozinha da pastelaria.

— Está delicioso — digo ao Damien, que me agarrou no pulso e começa a levar o bolo à boca para lhe dar uma dentada. — E é só para mim.

Com muita firmeza, solto o braço.

— Oh, a sério? — O humor na sua voz é evidente. — Então porquê?

— Ambos sabemos que acertei. Estás só a manter o silêncio para me atormentar.

— Atormentá-la é uma das minhas atividades preferidas, Sra. Stark.

— Estou bem ciente disso, Sr. Stark — replico, mantendo uma voz e uma expressão severas, embora o seu tom sensual me tenha derretido. — Mas agora é a minha vez de o atormentar. Nada de partilhar, a menos que se porte bem.

E, como que para ilustrar o que digo, dou outra dentada no *cupcake*.

Com uma risada, ele puxa-me para si.

— Podes privar-me de chocolate — diz ele, inclinando-me. — Só não me prives de mais nada.

E depois — com a multidão endinheirada de Rodeo Drive a ver e a aplaudir — o meu marido lambe-me o chocolate do canto da boca antes de me dar um beijo profundo e muito compenetrado.

J. Kenner

Top 10 das autoras de literatura erótica mais populares da Amazon

Eu nunca imaginei que algo pudesse superar a nossa lua de mel, mas a vida como Sra. Damien Stark é muito melhor do que qualquer fantasia. Estamos para sempre unidos pelo nosso amor e pelo nosso desejo.

No entanto, os fantasmas do passado ainda nos assombram. Não conseguimos escapar dos nossos segredos, nem evitar as pessoas que nos querem separar. Nós não estamos seguros, nem mesmo no Dia dos Namorados.

Eu farei o que for preciso para proteger o Damien, para lhe dar tudo o que precisa. O seu beijo é a minha devoção, a sua paixão, o meu êxtase. Os perigos que enfrentamos, agora enfrentamo-los juntos, e nada, jamais, nos irá separar.

Satisfaz-me é mais um capítulo sensual e arrebatador na história de Damien Stark e Nikki Fairchild:

TOPSELLER
os livros em primeiro lugar
20|20 editora

ISBN 978-989-8849-23-6

Romance Erótico